

'Tamanho da dívida brasileira é o principal motivo da alta do risco'

*Para Goldstein,
incerteza eleitoral
impede que governo
tranqüilize as pessoas*

WASHINGTON – O especialista em crises financeiras do Instituto de Economia Internacional Morris Goldstein acredita que a principal razão de o risco Brasil estar hoje mais de 12% acima dos papéis do Tesouro americano é o tamanho da dívida brasileira. Segundo o economista, a relação entre a dívida e as exportações, de 400%, é menor do que os 500% que atingiu na Argentina, mas isso não significa que a situação seja significativamente melhor.

“A relação entre a dívida e o Produto Interno Bruto (PIB) é bem mais favorável, mas menos relevante, porque a premissa, quando se usa o PIB como parâmetro, é que o País possa facilmente transferir recursos do resto da economia para as exportações, e não é esse o caso no Brasil, como não era na Argentina.”

Quanto à dívida interna, que também é alta e precisa a ser constantemente rolada, o argumento de que se trata de um mercado muito líquido, em que todo mundo é investidor, não convence Goldstein. “As pessoas detêm essa dívida enquanto acreditam que serão pagas, mas a partir do momento em que começa a haver dú-

vidas, aparecem os problemas.”

Nos dois casos, pesa também no cenário de Goldstein a piora da economia do País desde 2000, com redução do crescimento de 4% para 2%, taxas de juros altas, a queda pela metade dos investimentos estrangeiros diretos, crescimento acanhado das exportações, um déficit de conta corrente que continua na casa de 4% do PIB e enormes necessidades de financiamento externo para fechar as contas nos próximos dois anos.

O que fazer? “Normalmente, uma solução é o governo tentar tranqüilizar as pessoas dizendo o que vai fazer para enfrentar a situação”, disse Goldstein. “O problema é que, por causa das eleições, esse tipo de garantia vale menos hoje porque ninguém sabe se as pessoas que a estão dando vão continuar mandando.”

Além disso, o panorama internacional não é favorável: às crises na

Argentina, no Uruguai e na Venezuela, somam-se os problemas de governança corporativa nos Estados Unidos (Arthur Andersen, Enron), as tensões dos conflitos entre Índia e Paquistão e no Oriente Médio, a guerra contra o terrorismo e o aumento do protecionismo nos EUA. “Há uma forte aversão ao risco, e os investidores estarão mais interessados em pôr seu dinheiro na China, na Coreia do Sul e na Rússia do que na América Latina.” (P.S.)

PANORAMA
INTERNACIONAL
TAMBÉM NÃO
É FAVORÁVEL